

14. O oposto da ansiedade: a paz, uma guerra para reafirmar a verdade

por Luigi Giussani*

O homem cristão – *homo viator*, o «homem viandante», segundo a magnífica expressão da cristandade medieval – está consciente de que a vida é um caminho, é andar em direcção à sua meta, e que a solução total subjaz no fundo de todos os problemas e é obra de Deus, já não nossa. Nós somos incapazes diante da sede inextinguível do nosso destino e da nossa meta, e só o poder de Deus nos pode completar. Mas a busca de uma plenitude sempre maior, a busca do melhor possível, caracteriza a grandeza do cristão a cada instante, caracteriza o convite que a Igreja nos dirige a cada instante e, com isto, dá a medida do nosso ser cristãos. Este é, portanto, um compromisso sem limites e sem tréguas.

Recordemos a parábola contada por Jesus em que se confrontam duas atitudes morais opostas: a de um fariseu e a de um publicano. E lembremo-nos que os fariseus se consideravam os fiéis depositários das leis divinas, ao passo que os publicanos, que recolhiam os impostos por conta do império romano, eram apontados publicamente como pecadores. É S. Lucas que nos transmite este célebre relato de Jesus: «Dois homens subiram ao Templo para orar: um fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava assim: “Ó Deus, dou-Te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano [...]”. O publicano, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem piedade de mim que sou pecador”».¹ Jesus condena a atitude do fariseu. Porquê? Porque ele está satisfeito consigo mesmo, ilude e renega a tensão na sua vida, ao passo que o publicano, no fundo, a exprime na sua fórmula mais elementar que é o doloroso mal-estar em relação a si próprio. Nesta tensão concentra-se a atitude moral que a Igreja aponta ao homem. E não há nada mais contrário a isto do que a atitude de quem se conforma com a satisfação de si mesmo ou põe a sua esperança numa eventual felicidade contingente.

Existe, no homem cristão, um sinal experimentável desta permanente busca da verdade de si mesmo e, logo, da verdade do mundo. Jesus designou-a com a palavra «paz». Um dos comentários mais significativos a este aspeto da antropologia cristã é a oração que o sacerdote recita na Missa quando a assembleia acabou de rezar o «Pai-Nosso»: «Livari-nos, Senhor, de todo o mal e dai ao mundo a Paz em nossos dias para que, ajudados pela vossa Misericórdia, sejamos livres do pecado e de toda a perturbação, enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador». Estão aqui contidos todos os elementos de uma tensão mo-»

* Do livro de L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, pp. 202-204.

» ral: o reconhecimento da dependência do Deus que me criou e em cujas mãos permaneço sem temor, a afirmação de que a consistência da vida é Outro e que, portanto, a esperança do destino é Outro, a necessidade de viver em expectativa e, portanto, uma procura, um caminho em que há sempre um vazio por preencher.

Assim, o fundamento da paz é a tendência para afirmar o real segundo o olhar de Cristo. A paz não pode durar se não nos apoiarmos na consistência última da realidade, isto é, no Mistério que faz todas as coisas, em Deus, no Pai.

Sem este contexto último a paz é fragilíssima e deteriora-se, convertendo-se em ânsia. O esforço da fidelidade para seguir o verdadeiro é diferente: é uma luta que não é contrária à paz, pode constituir um sofrimento ou um peso grave, mas não é ansiedade. A ânsia é uma mentira que continuamente ressurge e se aninha em nós para impedir a adesão àquilo que, na nossa consciência, brotou como verdadeiro. A paz é uma guerra, mas conosco próprios.

¹Lc 18,10-11.13.